

FÁTIMA FREITAS

“Queremos ser, cada vez mais, uma referência internacional”

Há 20 anos, deu o nome a um escritório de advogados que se tornou no maior do País. Hoje, a Fátima Freitas Associados (FFA) está de olhos postos na internacionalização, enquanto, no mercado doméstico, se vai reinventando.

texto Ricardo David Lopes foto DR



Como foi fundar o escritório, que é hoje o maior de Angola?

Foi um desafio motivado essencialmente pelo fascínio que sempre tive pela profissão de advogado. Tinha a consciência de que, para vencer num mercado novo, tinha de me associar a colegas que comungassem dos mesmos valores e que também aspirassem a ser bons advogados. Por isso, acordámos que, antes de nos acharmos bons advogados, teríamos primeiro de nos tornar capazes de prestar serviços jurídicos de excelência aos nossos clientes, representá-los de forma responsável e eficiente, segundo

os mais elevados padrões de conduta ética da profissão. Essa continua a ser, até hoje, a divisa principal dos advogados e colaboradores da FFA.

Quando arrancaram, em que áreas estavam mais capacitados? Quantos eram?

Começámos com quatro advogados. Éramos todos recém-licenciados, uns com o estágio concluído e outros por concluir. As nossas principais áreas de prática eram o societário, o investimento estrangeiro e o contencioso (laboral, cível e administrativo). Actualmente, temos muito mais áreas de prática, designadamente, petróleo e gás, mineração, banca, construção civil, aviação, indústria automóvel, telecomunicações,

media, energia, project finance, imobiliário, fusões e aquisições, fiscal, ambiente, arbitragem e muitas outras

Quantos advogados tem hoje o escritório?

Actualmente a firma tem 27 advogados, incluindo advogados estagiários.

Quais as áreas com mais peso na vossa facturação?

O contencioso laboral e o societário.

A crise teve um impacto negativo no negócio?

Sim. Houve uma redução substancial no volume de trabalho, bem como um pedido generalizado de redução dos nossos honorários. Contudo, dada a gestão séria e responsável nos períodos menos críticos, foi e tem sido possível fazer face a essa crise, naturalmente com desafios constantes, mas que creio temos conseguido, no geral, ultrapassar.

Passaram no ano passado a ser uma sociedade de advogados. O que muda?

Há muitos anos que o nosso escritório já funcionava como um colectivo de advogados, organizados sob a mesma égide e com os mesmos princípios, como uma verdadeira sociedade. A partir do momento em que foi aprovada a lei que permitiu a constituição das sociedades de advogados (Lei n.º 16/16, de 30 de Setembro), constituímos a FFA. É a evolução natural deste tipo de organizações e vai permitir-nos crescer a nível nacional e internacional, reforçar o prestígio da nossa marca e a qualidade dos nossos serviços. Queremos ser, cada vez mais, um escritório de nível e referência internacional, e este era o passo que faltava.

Têm uma equipa de gestores profissionais?

Com a constituição formal da Sociedade de Advogados FFA, duplicou a nossa responsabilidade, e os desafios são constantes – estão ao nível da gestão de uma sociedade comercial. Hoje, a gestão das sociedades de advogados a nível internacional é cada vez mais profissionalizada, por isso acredito que, no futuro, talvez tenhamos de avançar nesse sentido.

Quais os principais desafios da advocacia actualmente, na sua opinião?

No nosso país, enfrentamos actualmente um contexto de crise económica e cambial, retracção nos investimentos e nos negócios em geral, que é preciso reverter. Temos de ser muito dinâmicos e reinventar formas de prestar serviços, de sermos eficientes e cativar os clientes. É preciso modernizar, formar bons recursos, apostar nos jovens.

E os maiores riscos?

A nossa actividade exige uma constante atenção a situações de conflitos de interesses e a rígida observância de regras de ética e compliance, para acautelarmos os riscos inerentes à profissão.

Quais as vantagens da aliança com a Miranda?

A Miranda é uma sociedade de advogados portuguesa com vocação internacional, contando com uma clientela que, na sua maioria, opera em diversos mercados à escala mundial e em vários sectores de actividade. A parceria com a Miranda trouxe-nos acesso privilegiado à sua carteira de clientes internacionais – que pretendem ter, ou que já têm, actividade e interesses em Angola – e a internacionalização da marca FFA. Há muito que a qualidade dos serviços prestados pela FFA é conhecida e referenciada internacionalmente. Uma parte significativa dos nossos clientes são empresas estrangeiras. A parceria também nos trouxe a partilha de know-how.

Quais os principais desafios do sistema judicial angolano?

Parece-me que o principal é convertê-lo num real factor de desenvolvimento económico, de promoção da cidadania, de coesão e paz social. O País tem necessariamente de ter um sistema judicial moderno, célere e acessível a todos. Para isso, é imprescindível que se realizem os investimentos necessários no capital humano, nas infra-estruturas e equipamentos, para correcção dos problemas que já foram diagnosticados, nomeadamente, deficiências de formação de alguns agentes, excessivo tempo médio de duração dos processos, falta de meios técnicos e de condições de trabalho, desadequação de alguns dos principais diplomas legais estruturantes do ordenamento jurídico angolano, e outros. ▽